



FACULDADE DE ILHÉUS



CESUPI

**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA**

**A CONSTRUÇÃO DO APEGO NAS RELAÇÕES PARENTAIS E A
SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL
DA CRIANÇA**

**Ilhéus, Bahia
2020**



FACULDADE DE ILHÉUS  **CESUPI**

**COLEGIADO DO CURSO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DA MONOGRAFIA
MONOGRAFIA**

LAVÍNIA DOS SANTOS PEREIRA

**A CONSTRUÇÃO DO APEGO NAS RELAÇÕES PARENTAIS E A
SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL
DA CRIANÇA**

Monografia (Artigo Científico) entregue para acompanhamento como parte integrante das atividades de TCC II do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus.

**Ilhéus, Bahia
2020**

**A CONSTRUÇÃO DO APEGO NAS RELAÇÕES PARENTAIS E A
SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL
DA CRIANÇA**

LAVÍNIA DOS SANTOS PEREIRA

Aprovado em: __ / __ / ____

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Alba Mendonça Alves –
Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social
Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Orientador)**

**Prof. Indira Vita Pessoa – Mestre em Desenvolvimento e Gestão
Social
Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Avaliador I)**

**Prof. Luciana Ferreira Chagas – Doutora em Psicologia Clínica
Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Avaliador II)**

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus pelo dom da vida, por seu infinito amor e pela força que sempre me concedes para caminhar e buscar pelas realizações dos meus sonhos.

Agradeço (*in memoriam*) ao meu amoroso pai e minha dedicada avó, que sempre acreditaram nos meus sonhos e se esforçaram junto a mim para que tudo um dia pudesse se concretizar.

À minha excepcional mãe, minhas tias e minha família por estarem sempre ao meu lado, me apoiando ao longo da minha trajetória.

À minha orientadora maravilhosa, que aceitou conduzir com maestria este trabalho de maneira significativa para minha vida profissional e pessoal e pela confiança depositada em mim.

Aos meus professores que tornaram possível todas as minhas impossibilidades.

Aos meus colegas, em particular meu grupinho do coração formado por mulheres incríveis e batalhadoras, que caminharam, choraram e sorriram junto a mim durante todo esse percurso.

E aos meus amigos e meu namorado, que sempre acreditaram em mim, em especial ao meu quarteto maravilhoso, a Iasmin e Beatriz pela cooperação para a concretização deste trabalho e por me incentivarem a continuar.

“O apego é um vínculo emocional profundo e duradouro que conecta uma pessoa à outra, através do tempo e do espaço”. John Bowlby

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1	Construção do apego.....	8
2.2	Papel parental na construção do apego.....	12
2.3	As consequências do apego estabelecido no desenvolvimento socioemocional da criança.....	16
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

**A CONSTRUÇÃO DO APEGO NAS RELAÇÕES PARENTAIS E A
SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL
DA CRIANÇA**
**THE CONSTRUCTION OF ADDICTION IN PARENTAL
RELATIONSHIPS AND ITS IMPORTANCE IN THE CHILD'S
SOCIOEMOTIONAL DEVELOPMENT**

Lavínia dos Santos Pereira¹; Alba Mendonça Alves ²

1. Centro de Ensino Superior, Faculdade de Ilhéus, Curso Psicologia. Ilhéus, BA.
2. Docente do curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus, Ilhéus, BA, Brasil.

RESUMO

O artigo a seguir traz considerações do apego como um subtipo de vínculo afetivo que funciona como uma base para o ser humano após o nascimento, até a velhice, servindo de suporte para o funcionamento psicológico e a regulação das emoções. Dando enfoque acerca do apego que pode ser construído no seio parental e as consequências que podem surgir no desenvolvimento social e emocional na infância. Dessa forma, percebe-se que os pais são a base principal para o desenvolver da criança. Afinal, é nessa relação que os primeiros vínculos são estabelecidos, assim como o caráter e a personalidade da mesma. O trabalho a seguir refere-se a um estudo bibliográfico de abordagem qualitativa e exploratória, no qual constatou-se que, o tipo de apego estabelecido na puerícia impacta diretamente no conceito que a criança tem de si e em sua evolução. Portanto é imprescindível que os cuidadores exerçam na relação com seus filhos, práticas responsivas, para que seja possível implantar o apego de forma segura, adquirindo uma maior competência emocional, relacional e capacidade de enfrentamento e manejo em diversos aspectos da vida.

Palavras-chave: Afetividade. Parentalidade. Socioemocional.

ABSTRACT

The following article presents considerations of attachment as a subtype of affective bond that acts as a basis for human beings after birth, until old age, serving as support for psychological functioning and the regulation of emotions. Giving focus on the attachment that can be built in the parental breast and the consequences that can arise in the social and emotional development in childhood. Thus, it is clear that parents are the main basis for the child's development. After all, it is in this relationship that the first links are established, as well as its character and personality. The following work refers to a bibliographic study with a qualitative and exploratory approach, in which it was found that the type of attachment established in childcare directly impacts the child's concept of himself and his evolution. Therefore, it is essential that caregivers exercise responsive practices in relation to their children, so that it is possible to implement attachment securely, acquiring greater emotional, relational competence and coping and handling skills in different aspects of life.

Keywords: Affectivity. Parenting. Socioemotional.

1 INTRODUÇÃO

Desde o nascimento, o ser humano necessita de atenção, consolo e segurança, sendo isso essencial para sua sobrevivência e para seu desenvolvimento psíquico e emocional. Um cuidado bem-sucedido diante das necessidades da criança, oferta resultados positivos para que o apego seja construído nas relações parentais e que o mesmo influencie em seu desenvolvimento (RIBAS; MOURA, 2004).

Para que seja estabelecido esse apego e ocorra essas ações de cuidados é necessário que vínculos sejam estabelecidos. O apego se refere a um subtipo de vínculo, que se faz presente em todas as fases do desenvolvimento humano, fazendo-se necessária a presença do outro, gerando assim uma sensação de base segura para o indivíduo (BEE; BOYD, 2011).

Bowlby, (1989) pioneiro na teoria do apego, descreve de forma ampla a importância de se estabelecer um apego seguro na infância, para que ocorra o desenvolvimento de forma positiva dos modelos internos de funcionamento e regulação das emoções, ligando os padrões de apego diretamente às qualidades das relações parentais, alegando que uma base segura se faz quando a criança se sente confiante a explorar o mundo exterior, podendo ir e vir, certa de que será acolhida. Caso ocorra um evento estressor, o qual lhe desencadeie medo e sofrimento, que sejam encorajadas e recebam assistência, servindo como base de exploração ao ambiente, tornando assim a criança mais preparada para lidar com o mundo, desenvolvendo o modelo funcional do eu, onde se dá início as representações internas que se têm a respeito do mundo, incluindo assim suas expectativas, crenças e imagens sobre diversos aspectos da vida.

Onde não há existência de sentimentos de segurança e valorização, o apego nas relações parentais pode implicar de forma negativa. A criança pode vir a desenvolver, estresse, raiva, agressividade, falta de empatia e muitos outros comportamentos, que dificultam suas capacidades relacionais. Esses, devido à má qualidade da relação parental que se é estabelecida (BIGAS, 2016).

A partir dessas considerações visa-se responder a seguinte pergunta: De que maneira o apego construído nas relações parentais pode afetar o desenvolvimento socioemocional da criança?

Desse modo, é viável erguer a hipótese de que a construção do apego nas relações parentais implica de diversas maneiras no desenvolvimento social e

emocional da criança. Onde, essa relação influenciará nas expectativas de vida e habilidades emocionais e sociais da mesma, interferindo diretamente na gestão das emoções e comportamentos, interferindo no relacionamento com o outro (BECKER; CREPALDI, 2019).

O presente trabalho tem como objetivo esclarecer acerca da construção do apego nas relações parentais, evidenciando suas implicações no desenvolver das capacidades sociais e emocionais da criança. Sendo assim necessário identificar as variações de apego dentro das relações parentais e analisar suas consequências no referido desenvolvimento.

O trabalho a seguir é um estudo bibliográfico, trazendo uma pesquisa de abordagem qualitativa e exploratória, onde foram utilizadas fontes de pesquisa primárias e secundárias, usando assim de artigos científicos, monografias e livros. Com enfoque nos estudos realizados sobre a teoria do apego, tendo como principal teórico John Bowlby, desde seus conceitos iniciais e clássicos até as novas perspectivas conceituais, onde o mesmo acreditava que a saúde mental e os problemas de comportamentos podiam ser atribuídos ao apego que se é construído na primeira infância, partilhando de que as crianças já vêm ao mundo programadas para formarem vínculos e têm a necessidade inata de se ligarem a uma figura principal de apego, ressaltando a importância do vínculo primário.

Dessa forma, percebe-se que os pais são a base principal para o crescimento emocional da criança. Afinal, é nessa relação que os primeiros vínculos vão sendo construídos, assim como o caráter e a personalidade da mesma. A partir deste contexto, o trabalho discorrerá sobre a construção do apego nas relações parentais e sua importância no desenvolvimento de competências sociais e emocionais da criança, evidenciando as consequências desse processo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONSTRUÇÃO DO APEGO

O desenvolvimento humano na fase da infância interfere na construção da identidade da criança e em sua relação com o outro, o que é nomeado de vínculo afetivo. Que compete a capacidade do indivíduo de se vincular a alguém primeiramente por suas necessidades e também pelo sentimento de querer estar junto

ao outro, realizando assim troca entre as partes, estabelecendo suas primeiras relações (OLIVEIRA; PRÓCHNO, 2010).

O apego se refere a um subtipo de vínculo afetivo, o qual funciona como uma base segura que aparece para o ser humano desde seu nascimento e na infância se estendendo até a vida adulta e velhice. Sendo esses vínculos afetivos estados internos, onde se faz possível notá-los em comportamentos de apego, ou seja, em atitudes que permitem que o indivíduo crie uma relação de proximidade com o outro. Comportamentos como esses podem ser observados de forma inicial em ações simples, como choro, gestos do bebê, sorrisos, contato visual e toque. (BEE; BOYD, 2011).

O comportamento de apego diz respeito a um mecanismo inato ao ser, que tem o intuito natural de aproximar o recém-nascido da mãe, a qual recebe como demanda inicial o seu papel protetor e cuidador, que aos poucos se torna um vínculo afetivo. E assim, a criança passa a ter para si a representação de uma figura de apego. Representações essas que influenciam desde o nascimento e persiste ao longo da vida, podendo sofrer intervenções ao longo do desenvolvimento da criança em diversos acontecimentos da vida os quais podem gerar diversas experiências pessoais (SILVA, 2013).

Por isso, as relações estabelecidas desde o nascimento e primeiro ano de vida servem de base para o funcionamento psicológico e a regulação das emoções do indivíduo. Esse funcionamento psicológico intitula os processos internos e externos, no que se refere às relações. Assim, nos anos iniciais a criança cria vínculos muitas vezes com mais de uma pessoa. Normalmente, esse vínculo inicial é estabelecido com pais ou cuidadores e futuramente vai se tornando mais amplo, porém, o apego acontece durante a infância com uma única pessoa, comumente com a mãe, ou quem exerce esse papel na vida da criança. E de acordo com seu desenvolvimento, os modelos internos de funcionamento e regulação de emoções, que são processos pelo qual o indivíduo perpassa que monitoram e modificam as relações emocionais, crescem juntamente com as relações que vão sendo estabelecidas com o passar do tempo (PONTES, et al., 2007).

O indivíduo desenvolve a capacidade de regular seu funcionamento psicológico, o que vem a ser um mecanismo que capta a estabilidade do meio e em decorrência disso produz fenótipos, os quais buscam responder ao ambiente de forma mais adequada qualificando os modelos internos, que são constituídos ainda na

infância podendo sofrer modificações ao decorrer da vida, no qual, em determinados eventos, ocorre a repetição do modelo de apego primário. Ou seja, há uma reutilização do apego que foi estabelecido na infância (TEIXEIRA, 2011).

Assim, para um melhor desenvolvimento seja ele emocional ou social, faz-se necessário que haja uma vinculação primária benéfica, para que se estabeleça um laço afetivo na infância, promovendo para a criança uma base adequada, a qual gere a segurança que a mesma necessita. Portanto é um dos principais suportes para o seu desenvolvimento socioemocional o qual repercute até a vida adulta e velhice, influenciando em seus próximos relacionamentos (RIBAS; MOURA, 2004).

Dessa forma, à medida que a criança sente nos pais uma base segura que a encoraja para a vida, ela traz o sentimento de apego para com eles. Já o que advém dos pais em relação ao filho é, de forma mais clara, nomeada de vínculo afetivo, pois não são eles que experimentam da segurança do filho, mas sim os pais que precisam ofertá-la desde o primeiro contato com o bebê, fazendo que desde já sejam construídas relações parentais seguras, as quais acompanharão a criança por toda vida, oferecendo-as uma base que seja seu ponto inicial e também de idas e voltas mediante as mais diversas circunstâncias (ZILS, 2009).

O apego se faz presente durante todas as fases da vida humana, variando em suas formas, fazendo com que muitas das reações emocionais surjam das formações e também dos rompimentos das relações, o que pode definir a representação dos vínculos afetivos para a criança, alterando assim de acordo com experiências únicas que fazem parte da vida de cada ser. A iniciação da formação dos apegos, agrega muita aprendizagem ao longo do desenvolvimento infantil, ofertando convivência, comunicação, observação, e demais aprendizagens que vão sendo acrescentadas ao longo do crescimento humano, trazendo também sua importante função biológica, de busca instintiva a proteção e segurança (VALERA, et al., 2012).

No que se refere ao apego voltado ao desenvolvimento infantil, é possível identificar o apego seguro e o inseguro. O seguro se expõe a um modelo de relacionamento onde a criança tem uma base segura e normalmente a mesma encontra conforto após um evento estressor. Já o inseguro surge como um modelo no qual a criança não dispõe de uma base segura e não encontra consolo caso esteja exposta a eventos. Acarretando três subtipos, o evitante/desligado, ambivalente/resistente e o desorganizado/desorientado (BEE; BOYD, 2011).

Portanto, as atitudes dos indivíduos podem ser interpretadas de acordo com a qualidade de seus apegos. Quando o mesmo consegue estabelecer um apego seguro, possivelmente ele levará para si, sentimentos de autoestima, de autonomia, e terão tranquilidade na espera da assistência do outro. As experiências de uma base segura na infância é que dão origem à representação mental, por meio de um processo no qual a criança constrói representações cada vez mais complexas. Entretanto, indivíduos que constroem um apego inseguro presumivelmente vêm acompanhados de preocupações excessivas com suas próprias necessidades, baixa autoestima, buscando sempre a aceitação do outro. Implicando assim em seu desenvolvimento, dificultando suas capacidades relacionais, comportamentais e também podendo causar problemas de aprendizagem, podendo tornar-se também raízes de problemas de saúde mental e de dependências químicas (BIGAS, 2016).

Em vista disso, faz-se necessário, de forma constante, os devidos cuidados que se devem ter com uma criança, mesmo que ela já obtenha certa independência ao longo de seu desenvolvimento. Assim, os cuidadores e a família de modo geral trazem duas funções importantes ao desempenhar seu papel estruturador que é de satisfazer as necessidades primárias da criança, e de proporcionar a mesma um ambiente seguro e acolhedor, onde seja possível desenvolver suas capacidades sociais, mentais e físicas, evidenciando assim a importância de se ter uma base segura na infância, fazendo com que essa criança tenha a segurança de ir e vir explorando o novo, no que diz respeito a uma consequência do apego seguro, estabelecendo uma construção de confiança e segurança na relação da criança consigo mesma e com o outro (MONDARDO; DELLA VALENTINA, 1998).

Contudo, no apego inseguro a mãe oferta indisponibilidade ou negligência em que, entre os subtipos de apego inseguro, a criança não utiliza de uma base segura. No evitante, a criança não busca muito contato com a mãe, especialmente após ausência. No ambivalente, a criança aparenta pouca exploração, sendo cautelosa com estranhos e perturbada em situações de separação, não encontrando tranquilidade e conforto ao seu retorno. E no desorientado, há na criança comportamentos atípicos, confusos e contraditórios. Normalmente está relacionado a situações de separações ou traumas (BEE; BOYD, 2011).

Dessa forma, o apego se faz um grande influenciador na compreensão das emoções, sendo ele a primeira forma de interação e vinculação humana, fazendo com que o indivíduo comece a entender os efeitos de ação e reação em suas relações

iniciais. Logo, entende-se que o padrão de apego que se é estabelecido na infância influenciará na forma com que o indivíduo se relacionará com os outros com o passar do tempo, ou seja, é algo que perpassa as fases da vida humana, influenciando assim nas relações que podem surgir, uma vez que os filhos tendem a repassar para os seus relacionamentos características que eles tiveram e observaram nos relacionamentos parentais. Isto é, o apego que se é recebido é responsável pelo apego que se é transmitido, podendo se tornar um comportamento transgeracional, podendo ser perpassado a gerações (VASCONCELOS, 2013).

2.2 O PAPEL PARENTAL NA CONSTRUÇÃO DO APEGO

A parentalidade diz respeito às atividades que são realizadas pelo progenitor ou cuidador, a qual visa o desenvolvimento saudável da criança. Onde se detém como primordial a construção de um ambiente seguro, estruturado e responsivo, para que seja possível satisfazer suas necessidades básicas, assim como suas necessidades de afeto e confiança, que são condições básicas para um bom desenvolvimento infantil (CRUZ, 2014).

O nascimento de um filho é um evento que envolve o casal e também toda a família, porém pais e mães tendem a se adaptar de formas diferentes. O casal, inicialmente como homem e mulher, começa a sua transição para a parentalidade de forma individual, em função de diversos fatores, sejam eles: características pessoais, biológicas, de personalidade, de atitude e prioridades, contudo, ambos buscam alcançar o mesmo objetivo que é formar uma família. A mulher tende a sentir-se mais perturbada ao desempenhar seus novos papéis, os quais acarretam diversas mudanças, sejam elas físicas, emocionais, profissionais e no estilo de vida de forma geral, sendo acometidas em maior quantidade do que em relação aos homens (MOURA- RAMOS; CANAVARRO, 2007).

Ao passo que, nos dias atuais, no que diz respeito à parentalidade em conjunto com as práticas culturais, as mães ainda tendem a ser as mais solicitadas e dispostas às mais diversas tarefas voltadas ao cuidado aos seus filhos e à família de forma geral, mesmo com todo o avanço referente à inserção da mulher no mercado de trabalho. Diversas vezes ainda compete à mulher todo o suporte emocional que deve ser ofertado à criança, sendo levado muitas vezes a crença da união mãe/filho como básica e mais importante, do que a relação pai/filho, observando uma percepção

distinta no que se refere aos papéis de cada um no núcleo familiar. Acompanhando as mudanças nas configurações familiares contemporâneas, vem sendo demonstrada a importância da figura paterna como agente ativo no contexto e no que diz respeito também à construção de vínculos, voltando sua atenção para o suporte emocional vindo dessa figura, também como necessária e relevante para o desenvolvimento da criança (BORSA; NUNES, 2011).

No entanto, apesar da mãe ser a principal figura de apego, faz-se necessário que a figura paterna se mostre de forma responsiva, atenta e sensível aos sinais da criança, sendo fundamental para o desenvolvimento da mesma. A relação pai e filho pode ofertar à criança suportes emocionais, o que ameniza a mãe no que diz respeito aos conflitos que a maternidade traz, cooperando também para uma relação parental de qualidade. Esse papel exercido pelo pai traria a autodescoberta das próprias necessidades da criança, facilitando a exploração do meio e construindo uma relação de confiança com o pai, podendo existir uma flexibilidade de papéis onde ambos buscam suprir as necessidades do filho (MANFROI; et al., 2011).

O vínculo entre a mãe e o feto é nomeado de vínculo intrauterino, o qual ocorre desde o período perinatal. Com o passar do tempo, já na primeira infância, o vínculo é estabelecido com a família, mais especificamente com a mãe e o pai, estabelecendo assim a relação parental, dando início às primeiras relações sociais da criança e proporcionando à mesma a experiência de seus primeiros vínculos, onde buscam proteção, conforto e suporte e onde também cabe aos pais oferecerem todo o suporte para atender às necessidades básicas de seus filhos (ANDRADE; MORETHES, 2013).

A relação mãe- bebê é iniciada a partir do momento em que se descobre a gravidez, período considerado como apego materno fetal, que se estende até o período pós-natal e a vinculação entre ambos se torna mais segura, a depender da adaptação da mulher à gravidez, a qual sendo de forma positiva há uma troca, desde a conversa e as manifestações de carinho ainda no ventre, e também após o nascimento, na troca de olhares, no alimentar e em muitas outras ações onde o bebê pode sentir-se seguro e acolhido. Ações as quais cooperam para a construção de um apego seguro (SCHMIDT; ARGIMON, 2009).

O bebê é um ser totalmente dependente, incapaz de realizar as mais diversas tarefas sozinho. Por isso, ele depende de um adulto, um cuidador o qual responda às suas necessidades alimentares, higiênicas, ou seja, lhes dê suporte físico

e também o emocional. Afinal, é imprescindível para a criança a vivência em um meio que lhe ofereça uma relação calorosa, íntima e contínua, que ambos possam sentir-se satisfeitos, para que assim a criança tenha para si uma figura de apego, a qual a mesma desfrutará de um desenvolvimento biopsicoafetivo benéfico, sendo capaz de reconhecer seus sentimentos, de se relacionar de forma saudável, enfrentando as mais diversas situações as quais podem se deparar ao decorrer da vida (SANTO; ARAÚJO, 2016).

As práticas parentais ditas como responsivas são aquelas que oferecem afeto de forma positiva à criança, acolhendo as suas necessidades físicas e emocionais básicas, sendo aquelas que servem de maior suporte para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da mesma e predispõe de uma base sólida para que a criança possa se desenvolver de forma positiva, dependendo de um estilo parental responsivo para que ela encontre segurança, desenvolvendo da melhor maneira suas habilidades (LANDRY, 2008).

Dessa forma, a família é o sistema que influencia diretamente no desenvolvimento da criança. Nesse meio acontecem as primeiras vinculações sociais, sendo assim considerada a primeira escola pela qual a criança perpassa, onde se aprende conceitos, regras e práticas culturais para os demais processos sociais da mesma. Conseqüentemente, é também a principal responsável pelo desenvolvimento socioemocional infantil. Afinal, as práticas exercidas pelos pais/ cuidadores influenciam em seu relacionamento com a criança, podendo desencadear também, comportamentos adaptativos e desadaptativos em diferentes espaços. Ou seja, a depender da vinculação que se é construída no seio parental a criança irá responder de forma positiva ou negativa diante das mais diversas circunstâncias, nas mais variadas relações (PETRUCCI; et al., 2016).

Logo, o apego pode ser observado primeiramente quando a criança procura o pai ou a mãe, tendo como uma referência de segurança. Se essas figuras parentais se colocarem como disponíveis e responsivas, a mesma responderá com a procura ao cuidador ou com um sorriso. Entretanto, em casos em que há algum tipo de evento estressor que gere de alguma forma medo para a criança, a mesma tende a procurar a mãe em vez do pai. Isso acontece normalmente pelo fato da mãe conseguir estabelecer uma vinculação primária com a criança e normalmente ser a quem mais convive com a mesma (BEE; BOYD, 2011).

É no âmbito familiar que a criança tem suas primeiras relações com os indivíduos e adquire conhecimentos sobre a forma de existir no mundo. Assim, seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito. Isto se dá pela troca realizada na relação parental, onde procura-se ser construída na afetividade, e desenvolve as bases da subjetividade, da personalidade e da identidade. Por isso, é necessário que nas interações familiares, se estabeleça as ligações emocionais dos membros e a adaptabilidade da família frente a eventos estressores. Para que assim muitas das atitudes que virão da criança futuramente sejam advindas de boas referências e experiências (SILVA, et al., 2008).

Muito da relação de novos pais com seus filhos predispõe de suas experiências pessoais, ou seja, das relações que eles tiveram e ainda mantém com seus pais ou cuidadores, podendo desenvolver dificuldades relacionais com seus filhos quando tornarem-se pais. Dificuldades essas que podem interferir na construção do apego nas futuras relações parentais, conseqüentemente havendo dificuldades de interação, a qual é imprescindível à criança. O ser humano que se depara com pais sensíveis e cuidadosos tem mais probabilidade de desenvolver um apego seguro e tenderão a repetir suas experiências em futuras relações (BOWLBY, 1989).

Quando o apego seguro é construído no seio parental, a mudança desse padrão pode vir a ocorrer em casos de situações negativas, como abuso, maus tratos, casos de doenças, funcionamento familiar instável e muitos outros eventos estressores, interferindo assim na forma de apego que estava sendo estabelecida, conseqüentemente produzindo um modelo desorganizado em que a criança encontra diversas barreiras ao definir seu próprio eu e pode ter noções distorcidas ao perceber o outro como diferente. Oposto de situações em que se prevalece o apego seguro, em que ocorrem situações de estabilidade nas quais a probabilidade de se preponderar na criança ações de autonomia, autoestima elevada e competência social é maior (SCHNEIDER, 2008).

Por essa razão, as ações responsivas são extremamente importantes no papel parental. Os filhos necessitam sentir disposição vinda de seus pais, respondendo prontamente e adequadamente às demandas que seus filhos necessitam, desde as necessidades mais básicas até as emocionais, deixando explícito que eles podem contar com o apoio de seus cuidadores, estabelecendo assim uma relação de confiança e disponibilidade, sendo essas ações primordiais para a construção do apego de forma segura, gerando, como consequência,

experiências positivas, as quais o indivíduo levará por toda vida, influenciando assim em suas futuras relações (CARDOSO; VERÍSSIMO, 2013).

Muitas vezes há a necessidade da terceirização dos cuidados à criança, ou seja, quando é delegado a outras pessoas o papel de cuidador e educador, tornando-o assim o principal responsável pela mesma, transferindo a responsabilidade materna e paterna a terceiros, o que pode vir a comprometer o senso de realidade da criança, influenciando negativamente em seu desenvolvimento emocional, podendo também influenciar assim em seu comportamento (BENHAIM, 2008).

Ainda assim, se houver um ambiente favorável, efetivamente propenso ao estabelecimento do apego seguro, onde os pais/ cuidadores exerçam papéis responsivos, oferecendo os devidos cuidados ao bebê, transmitindo confiança à criança, estando atento a cumprir as demandas individuais da mesma, que começa a desenvolver segurança e assim construir o apego que a leva a edificar sua independência, estando segura de tal maneira a sentir-se à vontade para desbravar o mundo, podendo retornar e contar com a base segura a qual foi sendo construída embasada no exercício positivo do papel parental. (BRUM; SCHERMANN, 2004).

2.3 AS CONSEQUÊNCIAS DO APEGO ESTABELECIDO NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DA CRIANÇA

A família é um dos maiores responsáveis pelo desenvolvimento socioemocional da criança, podendo auxiliar na promoção de competências e reduzir problemas de comportamento, fazendo com que a criança desenvolva modelos de competências que resultam no desenvolvimento de conhecimentos e habilidades intelectuais, físicas e emocionais (PETRUCCI; et al., 2016).

Atitudes, reações e emoções da mãe, ou daquele que desempenha o papel de cuidador, implicam no desenvolvimento psíquico do bebê. Quando o cuidador adota atitudes responsivas na relação com a criança, há uma maior possibilidade de se estabelecer um vínculo materno saudável, o que se faz de grande importância no que diz respeito a um desenvolvimento socioemocional, sendo necessário oferecer total atenção aos cuidados nos períodos de pré-natal e perinatal, buscando garantir um vínculo afetivo materno de qualidade, atuando na prevenção e promoção da saúde mental desde o início da vida humana (SANTO; ARAÚJO, 2016).

É possível encontrar uma forma muito particular no que diz respeito à construção do apego. Diferenças na qualidade do apego de um indivíduo para outro. Essas diferenças correspondem em sua maioria a qualidade das experiências da criança com seu cuidador. Essas vivências são fundamentais para a construção dos modelos representacionais de self e da própria figura de apego, quando internalizados. Sendo assim de suma importância tudo aquilo que para a criança resulta como experiência e ela internaliza, o que interfere em seus padrões de comportamento (SIGAUD, 2018).

O cuidado responsivo parental ao comportamento dos filhos prediz uma maior eficácia das práticas educativas que serão empregadas futuramente, entretanto, pais que dispõem de menor disponibilidade a criança, tendem a passar por maiores dificuldades em monitorar o comportamento dos filhos, desfavorecendo o desenvolvimento de competências sociais (ALVARENGA; PICCININI, 2007).

Por isso, o tipo de apego construído na infância serve de indicativos para relações futuras. Afinal, são as primeiras relações que servem de base, as quais a criança toma como experiência para todas as outras, repercutindo assim no estilo de apego que a pessoa levará para relações futuras. Para que sejam levadas pela criança bagagens as quais lhes proporcione comportamentos positivos futuramente, faz-se necessário que os pais obtenham práticas sensíveis, para assim perceber e interpretar corretamente os sinais de apego da criança (BECKER; CREPALDI, 2019).

A promoção de uma base segura para que a criança tenha um bom desenvolvimento socioemocional, segundo as palavras de Bowlby (1989, p. 25):

(...) A provisão, por ambos os pais, de uma base segura a partir da qual uma criança ou um adolescente podem explorar o mundo exterior e a ele retornar certos de que serão bem-vindos, nutridos física e emocionalmente, confortados se houver um sofrimento e encorajados se estiverem ameaçados (...)

Inclusive, para que a criança consiga obter também um desenvolvimento eficaz, é necessário que se tenha uma base da compreensão que a mesma traz, do seu conceito de self e das emoções as quais foram experimentadas por ela. Necessidade essa de compreensão de seus relacionamentos sociais, os quais implicam em conexões socioemocionais (RAMIRES, 2003).

Portanto, as relações que são estabelecidas entre a criança e seus pais/cuidadores implicam diretamente no conceito que a mesma tem sobre si, o que

ressalva a importância das qualidades das vinculações parentais, pois, quando se há construção de um apego seguro, a criança será mais segura e estável, contudo, se não houver essa vinculação segura, a criança trará noções de si mesma de forma insegura, frágil e instável. Isto é, a depender do tipo de apego que for estabelecido nas relações parentais, a criança poderá trazer comportamentos com características diferenciadas, sendo eles positivos ou negativos (SOPEZKI; VAZ, 2008).

Por isso, as práticas parentais exercidas podem interferir no desenvolvimento da criança, pois elas têm um papel importantíssimo no que corresponde à evolução da mesma. Isso é relacionado às práticas que são utilizadas pelos pais/ cuidadores em busca de promover a socialização da criança, que sejam de forma efetiva, para que as mesmas não se sintam rejeitadas, evitando assim problemas externalizantes e internalizantes (NUNES; et al., 2016).

As relações de apego inseguro são caracterizadas por insegurança, instabilidade e desvalorização. Influenciando assim nas vinculações que podem ser estabelecidas na vida adulta. Gerando assim comportamentos desadaptativos, onde durante a infância, a criança possivelmente teria desenvolvido expectativas negativas, principalmente no que se refere ao outro, causando inadequação, sentimento de vulnerabilidade, que podem ocorrer nos apegos evitantes e ambivalentes, fazendo com que a mesma evite o apoio e contato do outro ou o procure de forma excessiva (SOUZA; TAVARES, 2015).

Dessa forma, o estabelecimento do apego inseguro pode vir a fazer com que mais tarde essa criança possa desenvolver comportamentos desajustados, sendo muitas vezes a causa de problemas psicológico, gerando danos em sua personalidade e em sua estrutura emocional, podendo ter muitas vezes não somente dificuldades relacionais, mas também posturas de má conduta, o que pode lhes oferecer uma abertura a delinquência (BENHAIM, 2008).

Ao entrar na vida adulta, a criança substitui a proximidade paterna pela busca de um outro alguém que possa comprimir as mesmas funções, deslocando assim seu sistema de vinculação, que ao deparar-se com eventos que desencadeiem medo, o efeito de base segura será sempre ativado, fazendo com o que a mesma busque por pessoas que lhes ofereçam segurança, assim como espera-se que tenha sido encontrado na infância (BARSTAD, 2013).

Por essa razão, crianças seguramente apegadas às mães desde o seu nascimento, têm maior probabilidade em se tornar quando jovens e adultos, mais

sociáveis, positivos em seus comportamentos com os outros, tendem a ser menos dependente futuramente, também menos agressivos, empáticos e mais emocionalmente inteligentes. O que se faz de grande importância, afinal as vinculações explicam mais do que a forma como um ser pode se comportar, mas também diz respeito às suas relações e suas capacidades de enfrentamento e manejo aos mais diversos eventos (BEE; BOYD, 2011).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O apego se faz presente em todas as fases do desenvolvimento humano, fazendo-se necessária a presença do outro para sua construção. O comportamento de apego é um mecanismo inato ao ser humano, onde busca aproximar o recém-nascido da mãe, mantendo seu papel que é inicialmente de proteção e cuidado e com o passar do tempo se torna um vínculo afetivo, onde a criança começa a ter para si a representação de uma figura de apego. Onde inicialmente ela pode vincular com mais de uma pessoa, normalmente com os pais ou cuidadores e de acordo com seu desenvolver isso vai se tornando mais amplo. Porém o apego nessa fase é direcionado a uma única pessoa, normalmente a mãe, ou quem exerce esse papel mais intimista na vida da criança.

Os relacionamentos que são estabelecidos do nascimento ao primeiro ano de vida de um indivíduo servem como base para seu funcionamento psicológico e a regulação das suas emoções, que se desenvolvem juntamente ao seu crescimento e as relações que vão sendo construídas e vivenciadas ao longo desse período. À vista disso, é de suma importância que se estabeleça na infância um apego seguro, para que ocorra o desenvolvimento de forma positiva dos modelos internos de funcionamento e regulação das emoções, ligando os padrões de apego diretamente às qualidades das relações parentais. Uma vez que uma base segura se faz quando a criança se sente confortável e confiante a conhecer o externo, certa que será acolhida ao retornar a sua base.

Dessa forma, percebe-se que os pais/ cuidadores são a base principal para o desenvolvimento socioemocional da criança. Afinal, é nessa relação que os primeiros vínculos vão sendo construídos, assim como o caráter e a personalidade da mesma. Assim, muitos dos comportamentos disfuncionais e dificuldades relacionais podem ser atribuídas ao tipo de apego que se é estabelecido nessas relações. Visto

que onde não existem sentimentos de segurança e valorização, o apego pode ser construído de forma insegura, acarretando consequências negativas. Onde a criança pode vir a desenvolver comportamentos inseguros, agressivos e sentimentos de vulnerabilidade, sendo muitas vezes a causa de problemas psicológico, gerando danos em sua personalidade e em sua estrutura emocional, indicado nos mais variados estudos como possíveis causas de dependência química, comportamentos delinquentes e transtornos mentais.

Assim, é possível encontrar uma forma muito particular, diferenças na qualidade do apego de um indivíduo para outro. E elas correspondem em sua maioria a qualidade das experiências da criança com seu cuidador. Essas vivências são fundamentais para a construção dos modelos representacionais de self e da própria figura de apego, quando internalizados. Sendo assim, é de suma importância tudo aquilo que para a criança resulta como experiência e ela internaliza. Por isso, o tipo de apego construído na infância serve de indicativos para relações as futuras. Fazendo-se de forma significativa, que a criança carregue aprendizagens as quais lhes proporcione comportamentos positivos futuramente, e para isto faz-se necessário que os pais obtenham práticas afetivas, para assim perceber e interpretar desconfortos, ansiedade, angustias, por parte das crianças e prover acolhimento e apoio para o enfrentamento dos eventos estressores.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, P; PICCININI, C. A. Preditores do desenvolvimento social na infância: Potencial e limitações de um modelo conceitual. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 11, n. 1, p.103-112, jun. 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/7761/6778>>. Acesso em: 17 mar. 2019.
- ANDRADE, L. M. B. de; MORETHES, R. A. B. A importância do vínculo familiar no desenvolvimento emocional da criança nos primeiros anos de vida. **Revista Educação**, v. 7, n. 7, p. 35-48, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaEducacao/article/view/950/838>>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- BARSTAD, M. G. **Do berço ao túmulo: a teoria do apego de John Bowlby e os estudos de apego em adultos**. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28976/28976.PDF>>. Acesso em: 17 mar 2019.
- BECKER, A. P. S; CREPALDI, M. A.. O apego desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental: Uma revisão da literatura. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 238-260, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43016/29727>>. Acesso em: 20 mar 2019.
- BEE, H; BOYD, D. **A criança em desenvolvimento**. 12 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 568 p.
- BENHAIM, M. **O materno e a delinqüência**. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 9-16, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000100001>. Acesso em: 08 mar. 2020.
- BIGAS, A. R. G. **A relação entre a qualidade da vinculação aos pais, auto-estima, auto-conceito em pré-adolescentes**. 2016. 37 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5103/1/20869.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.
- BORSA, J. C; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39, jan./mar. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19835/19141>>. Acesso em: 17 nov. 2019.
- BOWLBY, J. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 170 p.

BRUM, E. H. M. de; SCHERMANN, L. Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 457-467, jun. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232004000200021&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 17 nov. 2019.

CARDOSO, J; VERÍSSIMO, M. Estilos parentais e relações de vinculação. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 31, n. 04, p. 393-406, dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232004000200021&script=sci_abstract&tlng=pt<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v31n4/v31n4a06.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

CRUZ, O. Que parentalidade?. **Centro de Estudos Jurídicos**, Lisboa, p. 35, 28 mar. 2014. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/129346889-Que-parentalidade-orlanda-cruz.html>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

LANDRY, S. H. O papel dos pais na aprendizagem na primeira infância. **Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância**, Montreal, p. 5, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.encyclopedia-crianca.com/sites/default/files/textes-experts/pt-pt/2510/o-papel-dos-pais-na-aprendizagem-na-primeira-infancia.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MANFROI, E. C. et al. Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 59-69, jan. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v21n1/07.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MONDARDO, A. H; VALENTINA, D. D. Psicoterapia infantil: ilustrando a importância do vínculo materno para o desenvolvimento da criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 621-630, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300018&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 17 nov. 2019.

MOURA-RAMOS, M; CANAVARRO, M. C. Adaptação parental ao nascimento de um filho: comparação da reatividade emocional e psicossintomatologia entre pais e mães nos primeiros dias após o parto e oito meses após o parto. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 25, n. 3, p. 339-413, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312007000300007>. Acesso em: 17 nov. 2019.

NUNES, S. A. N. et al. Relação entre práticas parentais e problemas de externalização e internalização: papel mediador do vínculo do apego. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 19, n. 3, p. 371-383, 9 nov. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/32371>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

OLIVEIRA, S. V. de; PRÓCHNO, C. C. S. C. A vinculação afetiva para crianças institucionalizadas à espera de adoção. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. 1, p. 62-84, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932010000100006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 maio 2020.

PETRUCCCI, G. W. et al. A família e a escola no desenvolvimento socioemocional na infância. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 24, n. 2, p. 391-402, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v24n2/v24n2a01.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

PONTES, F. A. R. et al. Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. **Aletheia**, Canoas, n. 26, p. 67-69, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942007000200007>. Acesso em: 17 nov. 2019.

RAMIRES, V. R. R. Cognição social e teoria do apego: possíveis articulações. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 403-410, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a20v16n2.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2020.

RIBAS, A. F. P; MOURA, M. L. S. de. Responsividade materna e teoria do apego: uma discussão crítica do papel de estudos transculturais. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 315-322, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a04v17n3.pdf>>. Acesso em: 8 mar. 2020.

SANTO, C. S. O. do E; ARAÚJO, M. A. N. Vínculo afetivo materno: processo fundamental à saúde mental. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 65-73, 8 maio 2016. Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/831>>. Acesso em: 8 mar. 2020.

SCHMIDT, E. B; ARGIMON, I. I. de L. Vinculação da gestante e apego materno fetal. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 43, p. 211-220, maio/ago. 2009. Disponível: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2009000200009&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 8 mar. 2020.

SCHNEIDER, M. S. **As especificidades do padrão de apego da criança em relação à figura materna e paterna**. 2008. 168 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

SIGAUD, R. V. **“Trauma Oculto”**: Um estudo sobre a dissociação a partir da teoria do apego. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34569/34569.PDF>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

SILVA, M. Â. e. **O efeito combinado dos estilos de apego dos pais no estabelecimento dos estilos de apego de seus filhos**. 2013. 134 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10478/1/TESE%20Marcilio%20Angelo.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

SILVA, N. C. B. da. et al. Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 215-

226, dez. 2008. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751432006>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

SOPEZKI, D; VAZ, C. E. O impacto da relação mãe-filha no desenvolvimento da autoestima e nos transtornos alimentares. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 12, n. 2, p. 267-275, 2008. Disponível em:

<<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/7831>>. Acesso em: 14 maio 2020.

SOUSA, E. M. de; TAVARES, J. S. C. Estilos de apego inseguro na infância e suas implicações em quadros de ansiedade na vida adulta. **Psicologia.Pt**, Porto, 2015. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1191.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

TEIXEIRA, R. C. R. **Eventos estressores na infância e apego adulto**. 2011. 117 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível:

<https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/rachel_ripardo.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2019.

VALERA, A. P. S. et al. **John Bowlby**: As sete características do apego, as quatro classificações dos padrões de apego e o cuidador. 2012. 12 f. Trabalho de Teorias Psicodinâmicas II (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário Anhanguera de Santo André, Santo André, 2012. Disponível em: <https://meucaderno-psicologia.webnode.com.br/_files/200000239-c2be0c3b43/ATPS%20BOWLBY.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2019.

VASCONCELOS, T. S. F. de. **A influência das relações de apego entre pais e filhos na compreensão das emoções pelos filhos**. 2013. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013. Disponível em:

<<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10444>>. Acesso em: 24 nov. 2019.

ZILS, A. do A. **Formação do apego e implicações na saúde infantil**. 2009. 29 f. TCC (Graduação em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.